



A EXPERIÊNCIA DA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL COMO IMPERATIVO CRÍTICO PARA UMA EDUCAÇÃO CONTRA A BARBÁRIE: UM DIALÓGO ENTRE CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE, ANNE FRANK E THEODOR W. ADORNO.

Andréa Silva de Lima Alves; Emmanoel Almeida de Rufino (Orientador)

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia – Campus João Pessoa (IFPB)

andreasl22nopaisdasm maravilhas@gmail.com;

emmanoel.rufino@ifpb.edu.br

RESUMO: Nesse trabalho interligamos a concepção de Adorno em relação à educação emancipatória, os relatos da jovem Anne Frank diante dos horrores vivenciado na guerra e os poemas de Carlos Drummond de Andrade retratando os tempos difíceis, em que o mundo se encontrava na Segunda Guerra Mundial. Em meio aos escrúpulos nesta respectiva guerra, analisaremos a perspectiva de Anne e Drummond, a partir de diferentes prismas de proximidade, como sentem e retratam a guerra que os envolve especialmente no modo como eles interpretam as barbáries humanas nela manifestas, onde a experiência de vivenciar a Segunda Guerra Mundial proporcionou o registro textual com suas inquietações humanísticas frente ao que viam se processar naqueles tempos de crise. Diante desses tempos obscuros Adorno nos relata em *Educação e Emancipação*, que a educação deve não só servir para perpetuar a barbárie, mas principalmente como ela pode ser eficaz para que as civilizações se emancipem, assim questiona a educação autoritária e pensa numa educação emancipatória. Nesse aspecto, veremos que Adorno parte do pressuposto de que os elementos que influenciaram as muitas formas de barbárie nesta guerra ainda perduram em nossa sociedade e devem ser prontamente combatidos. Diante dessas relações este estudo se debruçará sobre a seguinte problemática: O que a experiência da Segunda Guerra Mundial tem a nos dizer sobre a relação entre educação e barbárie no que tange a possibilidade/necessidade de uma formação de indivíduos civilizados? Por meio dessas leituras, tocamos em temas como barbárie, educação emancipatória, sentimentos, e essencialmente, dos relatos durante a guerra.

Palavras-chave: Anne Frank, barbárie, Carlos Drummond de Andrade, educação, Theodor W. Adorno.

INTRODUÇÃO

Nos campos de concentração construídos pelos nazistas alemães na Segunda Guerra Mundial a humanidade, impulsionou o desenvolvimento racional de uma indústria de morte provida pelas forças ocultas da barbárie. Durante essa guerra, o projeto imperialista alemão demandou uma grande demanda intelectual e burocrática para táticas executadas meticulosamente tanto nos campos de batalhas quanto nos campos de concentração. Um exemplo de como esse cenário de barbárie administrada racionalmente se manifestou, especialmente nos campos de concentração, foi o projeto *Solução Final*, criado por uma civilização avançada com um gênese sacralizado do bem estar tecnológico que acionou máquinas assassinas contra as vidas concentradas nos campos nazistas:



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

[Auschwitz] foi também uma extensão mundana do moderno sistema fabril. Em vez de produzir bens, a matéria prima eram seres humanos e o produto final, a morte, com tantas unidades por dia cuidadosamente registradas nos mapas de produção do administrador. As chaminés, que são o próprio símbolo do sistema fabril, despejavam uma fumaça acre de carne humana sendo queimada. A malha ferroviária da Europa moderna, com sua brilhante organização, passou a transportar uma nova matéria prima para as fabricas. E da mesma maneira que faziam outros tipos de carga. Nas câmeras de gás as vítimas inalavam gases letais desprendidos por pelotas de ácido prússico, produzidas pela avançada indústria química da Alemanha. Engenheiros projetaram os crematórios; administradores de empresas projetaram o sistema burocrático, que funcionava com um capricho e eficiência que nações mais atrasadas invejariam. Mas o próprio plano global era um reflexo do moderno espírito científico desvirtuado. O que testemunhamos não foi nada menos que um esquema de engenharia social em massa... (FEINGOLD, *apud* BAUMAN, 1998, p. 26-27).

Discutir as questões relativas à guerra, a partir da literatura nos proporciona induzir um olhar crítico que nos ajuda a repensar algumas experiências concretizadas no passado que manifestam, por exemplo, a ausência de sentimentos humanos em face de situações de maior gravidade. A literatura nos abre a possibilidade de enxergar os sentidos da ação humana em suas múltiplas nuances, abrindo-nos a crítica da própria humanidade, e no caso específico deste trabalho, propondo a partir disso uma reflexão sobre como a educação pode ser o caminho que proporcionará a emancipação humana frente às forças bárbaras presentes na própria humanidade. Diante disso, este estudo se debruçará sobre a seguinte problemática: O que a experiência da Segunda Guerra Mundial tem a nos dizer sobre a relação entre educação e barbárie no que tange a possibilidade/necessidade de uma formação de indivíduos civilizados? Para investigarmos essa problemática assumimos o seguinte referencial hipotético: interpretaremos como se processavam as relações humanas em meio à respectiva guerra a partir da ótica de Anne Frank e Carlos Drummond, escritores que, a partir de diferentes prismas de proximidade, compartilharam a experiência de viver a Segunda Guerra Mundial registrando textualmente suas inquietações humanísticas frente ao que viam se processar naqueles tempos de crise. A partir de suas reflexões sobre a condição humana em meio à guerra e considerando a relação entre os atos civilizados e os atos bárbaros dos indivíduos envolvidos – direta ou indiretamente – nesse contexto, pensaremos – à luz de Theodor W. Adorno – tanto as raízes culturais e educativas que envolveram as experiências de barbárie manifestas na guerra, quanto às possibilidades educativas de emancipação de uma civilização verdadeiramente humana.

Assim sendo, nosso trabalho objetiva compreender como a experiência da Segunda Guerra Mundial pode nos ajudar a pensar a formação de seres humanos civilizados, emancipados, pois, da barbárie. Para alcançarmos essa meta maior, desenvolveremos nossa investigação em duas etapas:



primeiramente, analisaremos como Anne Frank e Carlos Drummond de Andrade sentem e descrevem a guerra que os envolve, concentrando-nos especialmente no modo como eles interpretam as barbáries humanas nela manifestas. A partir desses referenciais interpretativos, no segundo momento deste estudo investigaremos a relação entre educação e barbárie, partindo da grande preocupação manifesta por Adorno na obra *Educação e emancipação*: evitar que se repitam as barbáries manifestas naquele momento histórico. Com Adorno, pensaremos, pois, não só como a educação pode servir para perpetuar a barbárie, mas, principalmente, como ela pode ser eficaz para que as civilizações se emancipem da barbárie. Nesse aspecto, veremos que Adorno parte do pressuposto de que os elementos que influenciaram as muitas formas de barbárie na Segunda Guerra Mundial ainda perduram em nossa sociedade e devem ser prontamente combatidos.

Posta a problemática e os objetivos deste estudo, a relevância social e acadêmica da abordagem que propomos toca o fato de abrirmos horizontes interpretativos novos que nos ajudam a pensar questões ainda atuais da formação humana, como a emancipação de formas de barbárie que, por sua vez, impossibilitam relações humanas civilizadas. Além disso, promovemos reflexões sobre ações humanas de um passado cuja repetição ainda é possível. Destacamos também que nossa abordagem caracteriza uma pesquisa inédita, pois se existem poucos artigos sobre a guerra a partir da ótica de um só dos autores que trabalhamos (Anne Frank e Carlos Drummond de Andrade), não há pesquisas em andamento ou conclusas que articulam ambos, muito menos associando suas reflexões sobre a guerra a uma crítica sobre a educação, como o faremos a partir de Adorno (autor que nessa área, já suscita há tempo muitos estudos acadêmicos).

MATERIAL E METÓDOS

Neste estudo utilizamos os seguintes referenciais de pesquisa: “O Diário de Anne Frank” da jovem Anne Frank, o livro “A Rosa do Povo” escrito por Carlos Drummond de Andrade e o livro “Educação e Emancipação” escrito por Theodor W. Adorno e traduzido por Wolfgang Leo Maar. Tendo, pois, estudado todas essas obras, procedemos pela análise comparativa dos textos a partir de seus contextos histórico-culturais, a fim de ilustrarmos as respostas que buscávamos a partir das indagações introduzidas no tópico anterior.

Durante a guerra Anne foi privada de sua liberdade por conta da perseguição aos judeus escrevendo em seu esconderijo (Anexo Secreto) um diário relatando o contexto tenebroso do nazismo e da guerra. Em seu livro “A Rosa do Povo” Drummond descreve esperança e dor diante



dos sofrimentos do ser humano em tempo de guerra. Também usamos a crítica de Adorno à racionalidade moderna, no tocante à relação entre educação, barbárie e emancipação, porque assim como Anne e Drummond, Adorno viveu na mesma época compartilhando a experiência da Segunda Guerra Mundial, onde criaremos um elo entre Anne e Drummond, para transpor as reflexões desses escritores a uma crítica à educação.

RESULTADOS E DISCUSSÃO:

1. A perspectiva de Anne Frank e Carlos Drummond de Andrade em seus escritos durante a experiência da Segunda Guerra Mundial:

Anne Frank foi uma entre os mais de um milhão de adolescentes judeus que durante o Holocausto foram assassinados. Durante o tempo em que ficou escondida, Anne manteve um diário no qual registrava seus medos, esperanças e experiências e, assim, refletia sobre o trauma que sofria durante aqueles anos de contínuo pesadelo.

No dia 13 de janeiro de 1943, Anne escreve em seu diário o impacto que o mundo estava vivenciando:

[...] Coisas terríveis estão acontecendo lá fora. A qualquer hora do dia ou da noite pessoas pobres e desamparadas são retiradas de suas casas. Não têm permissão de levar nem mesmo uma sacola com coisas e um pouco de dinheiro, e mesmo quando têm, essas posses lhes são roubadas no caminho. Famílias são rompidas da escola e descobrem que os pais desaparecem. Mulheres voltam das compras e descobrem as casas lacradas, e que as famílias desaparecem. Os cristãos holandeses também estão com medo porque seus filhos são mandados à Alemanha. Todo mundo anda apavorado. Todas as noites centenas de aviões passam sobre a Holanda a caminho das cidades alemãs, para semear suas bombas em solo alemão. Toda hora centenas, ou talvez milhares, de pessoas são mortas na Rússia e na África. Ninguém pode ficar longe do conflito, o mundo inteiro está em guerra, e mesmo com os Aliados se saindo melhor, o fim não está próximo. E quanto a nós, somos bastantes felizardos. Temos mais sorte do que milhões de pessoas. Aqui é calmo e seguro, e estamos usando nosso dinheiro para comprar comida. Somos tão egoístas que falamos sobre “depois da guerra” e ficamos ansiosos por roupas e sapatos novos, quando deveríamos estar economizando cada centavo para ajudar os outros quando a guerra terminar, para salvar o que puder. As crianças deste bairro andam com camisas finas e sapatos de madeira. Não têm casacos, nem capas, nem meias nem ninguém para ajudá-las mordendo uma cenoura para aclamar as dores da fome, saem de suas casas frias e andam pelas ruas até salas de aula ainda mais frias. As coisas ficaram tão ruins na Holanda que hordas de crianças abordam os pedestres para implorar um pedaço de pão. Eu poderia passar horas contando a você o sofrimento trazido pela guerra, mas só ficaria ainda mais infeliz. Só podemos



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

esperar, com toda a calma possível, que ela acabe. Judeus e cristãos esperam, o mundo inteiro espera, e muitos esperam a morte (FRANK, 1947, p. 85).

Antes da invasão dos alemães na Holanda, Anne tinha uma vida comum: andava de bicicleta, passeava com suas amigas, frequentava a escola, entre outras atividades do dia a dia. Porém, foi com a privação de sua liberdade que Anne observou e presenciou a barbárie que estava ocorrendo no mundo em guerra, mais especialmente ao seu redor. De Anne, as palavras singelas e de fácil entendimento transmitem sua experiência sob a ameaça constante da morte e sua visão pessoal sobre o terrível confronto entre seres humanos manifesto na guerra. É comovente perceber que, no cenário tenebroso do nazismo e da Segunda Guerra, ela viveu conflitos e problemas de uma adolescente de qualquer lugar e tempo e observou (registrando) admiravelmente a catástrofe dessa Guerra Mundial. Em seu diário encontramos uma preocupação com uma narrativa terna, dedicada às pessoas que estavam constantemente sendo afetadas pela barbárie.

Anne e Drummond vivenciaram a mesma guerra, porém de formas peculiares. Enquanto Anne estava na Holanda dominada pelos nazistas, sentindo a barbárie da guerra e escrevia o seu diário dentro de um esconderijo, Drummond sentiu a guerra em solo brasileiro onde os impactos quase passaram despercebidos. Entre 1943 e 1945, Carlos Drummond de Andrade produz poemas que foram publicados em seu livro *A Rosa do Povo*. Em *Nosso Tempo* ele escreve:

Esse é tempo de partido,
tempo de homens partidos.
Esse é tempo de divisas,
tempo de gente cortada.
De mãos viajando sem braços,
obscenos gestos avulsos.
E continuamos.
É tempo de muletas.
Tempo de mortos faladores
e velhas paralíticas, nostálgicas de bailado,
mas ainda é tempo de viver e contar.
Certas histórias não se perderam (DRUMMOND, 2012, p. 23–29).

Escrito no período entre guerras em que já se fazia sentir a aurora da Segunda Guerra Mundial (com o crescimento do Nazi-fascismo), esses versos nos trazem a perspectiva do poeta sobre o mundo ao seu redor, tendendo para um olhar crítico e significativamente político. É uma obra que retrata um tempo de guerras, de pessimismo e, sobretudo, de dúvidas sobre o poder de destruição do homem. Entretanto, não há otimismo na visão do poeta. É tenebrosa e pessimista a



visão de mundo que se justapõe à esperança da revolução proporcionada pela barbárie; assim, esperança e dor são sentimentos necessários para adquirir repugnância. Uma dor, talvez, maior que a esperança que a contempla, ou talvez esta não esteja tão próxima dos homens. O mundo frágil, os temas políticos, a solidão, o sofrimento do ser humano e as guerras, os seres solitários predominam nos relatos de Drummond em seus poemas.

2. A educação emancipatória como processo de libertação humana contra a barbárie:

A educação é um meio importante para a formação da consciência, mas não é necessariamente um fator que condiciona a emancipação. Vivemos numa época em que a educação, tecnologia e ciência ameaçam o conteúdo ético do processo formativo em função de sua determinação social, por estar ligada a fins estratégicos ligados a uma razão instrumental que se manifesta, por exemplo, nas demandas econômicas do(s) mercado(s). Adorno acredita que os mesmos elementos que intervêm nos grandes conflitos do passado, ainda permanecem em nossa sociedade e devem ser combatidos prontamente, e a melhor forma para isso é conduzir a educação no sentido de estabelecer ao indivíduo uma auto-reflexão, apresentando sua importância numa coletividade para bem comum da humanização.

Segundo Adorno (1995, p. 119), “a exigência que Auschwitz não se repita é a primeira de todas para a educação”. A educação proporcionada por esta sociedade atual possuem problemas tão sérios quanto os problemas do passado, porém disfarçados, de forma que, a maioria das pessoas não tem conhecimento. A essa crítica se associa Carlos Drummond de Andrade, para quem:

A escola enche o menino de matemática, de geografia, de linguagem, sem, via de regra, fazê-lo através da poesia da matemática, da geografia, da linguagem. A escola não repara em seu ser poético, não o atende em sua capacidade de viver poeticamente o conhecimento e o mundo (DRUMMOND, 1974, p. 66).

Diante de qualquer discussão em relação às metas educacionais, a meta que Adorno atribui engloba a importância e o significado para que a barbárie não crie raízes fixas na civilização, regredindo a qualquer possibilidade para que Auschwitz não se repita. Essa preocupação é direcionada ao fato que os acontecimentos vivenciados não só em Auschwitz, mas na Alemanha nazista, foi o pressuposto contra a qual se dirige todas as metas para uma educação emancipatória. Essa questão de não esquecermos o passado dependerá de como ele será mencionado no presente; se o simples remorso ou a resistência ao horror permanecerá com base na força de compreender até



o incompreensível. Em relação ao simples remorso, teríamos que omitir aos assassinados a única coisa que nossa impotência pode lhes oferecer: a lembrança. No site *Pensador*, encontramos esta frase de Anne Frank: “Os mortos recebem mais flores que os vivos, porque o remorso é mais forte que a gratidão”. No tocante à resistência ao horror, Auschwitz nos denuncia a barbárie em nós, anterior a qualquer fato, a falta do saber em sermos sensíveis para analisar opiniões e /ou fatos, a tudo que não seja nós mesmos. Adorno relata:

Contaram-me a história de uma mulher que, após assistir a uma dramatização do *Diário de Anne Frank*, declarou: “Bem, poderiam ao menos ter poupado *esta* menina”. E certamente até mesmo esta foi uma declaração positiva, enquanto primeiro passo em direção á tomada da consciência. Porém o caso individual, cuja função era servir de exemplo do todo, converteu-se por meio de sua própria individuação em um alibi do todo, todo que acabou sendo esquecido por aquela mulher (ADORNO, 1995, p.47).

A forma mais indicada para evitar que esse fenômeno histórico se repita é direcionar a educação para que ela promova nos indivíduos uma auto-reflexão humanizadora. A relevância da educação – tal como foi percebido por Adorno – é inibir a volta da barbárie, isto é, o retorno do totalitarismo, do nazismo e da violência em amplo sentido. Este regresso é uma possibilidade existente e é justamente por refletir assim que a preocupação de Adorno se centraliza na questão da barbárie. Os requisitos histórico-sociais que engendraram o nazismo ainda existem e por isso é preciso impedir o seu ressurgimento. A criminalidade - como exemplo – é algo que está presente em todos os níveis da sociedade e a busca para diminuir esta situação deve ser alvo de todos os afetados por ela, já que não adiantam possuir cães bravos, guardas costas, andar com carro blindado e possuir condomínios com muros altos e cerca elétrica em volta, essas providências de nada adiantarão, pois um cidadão que se encontra enquadrado em uma dessas características mencionadas, já é “naturalmente” refém da criminalidade e prisioneiro dentro de sua própria residência.

Se a oportunidade do retorno da barbárie existe, então a educação assume um papel importante no sentido de precaver e impedir tal retorno. Entretanto, surge uma questão: é suficiente evitar a barbárie? A educação teria apenas este papel preventivo? Em *Educação Após Auschwitz* esta é a abordagem, em que encontramos alguns elementos que podem abrir caminho para uma concepção mais ampla. No entanto, em outros textos da obra *Educação e emancipação*, Adorno avança em suas reflexões e acaba indo além de uma ótica exclusivamente preventiva da educação, passando a contemplar também a questão da emancipação. Ele enfatiza, em outros escritos, a questão da emancipação e demonstra uma visão que cria uma vinculação indissolúvel entre



emancipação e barbárie: proporcionar a emancipação significa combater a barbárie, isto é, são duas faces da mesma moeda.

CONCLUSÃO:

É indiscutível que mesmo Adorno não apresentando um projeto de transformação global, a sua preocupação com a barbárie, nos indica que a educação emancipadora pode contribuir com o processo da libertação humana. Tendo em vista os aspectos observados das relações entre Anne e Drummond, os relatos mencionados em suas obras nos informam os infortúnios da Segunda Guerra Mundial revelando assim, que a sociedade mantém olhos cerrados para o mundo ao ponto de permitir a violência. Sendo assim, alguns requisitos/elementos da barbárie como a criminalidade, genocídios, Nazi-fascismo entre outros – que ainda existem hoje (mesmo adormecidos) – não podem ser esquecidos, já que possuem potenciais reformadores da barbárie vivenciados por Anne, Drummond e Adorno.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ANDRADE, Carlos Drummond de. **A Rosa do Povo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012. 188 p.

ADORNO, Theodor W.. **Educação e Emancipação**. 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995. 190 p.

FRANK, Anne. **O Diário de Anne Frank: edição integral**. 20. ed. Rio de Janeiro: Record, 2004. 315 p.

PENSADOR. Disponível em: <http://pensador.uol.com.br/frase/MTUyNjQ5OQ/>